

Ela pode dizer ao seu melhor amigo
qualquer coisa... **Exceto isso.**

A BARRACA DO BEIJO

BETH REEKLES

NETFLIX

AGORA UM
FILME ORIGINAL
NETFLIX





“Não conseguia me acostumar com a ideia de que o meu **PRIMEIRO BEIJO** seria com Noah Flynn. O irmão mais velho do meu melhor amigo. O cara que conseguia fazer com que eu sentisse as coisas mais inexplicáveis e me levar à loucura em cerca de três segundos. [...] Sabia que não teria que fazer aquilo se não quisesse; ninguém podia me forçar a beijá-lo. E essa era a pior parte: eu tinha a opção de recusar, mas não consegui reunir forças para fazer isso.”



A BARRACA DO BEIJO

BETH REEKLES

TRADUÇÃO

IVAR PANAZZOLO JUNIOR



Copyright © Beth Reeks, 2013

Título original: The Kissing Booth

Publicado originalmente em Língua Inglesa por Random House Children's Publishers UK, uma divisão da Penguin Random House.

Tradução para Língua Portuguesa © 2018, Ivar Panazzolo Junior

Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainã Bispo

Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa, José Cleto, Luiza Marcondes e Natália Ortega

Preparação de texto Jonathan Busato

Capa Agência MOV

Foto da autora Copyright © Bethan Reeks

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

R255b

Reeks, Beth

A barraca do beijo : ela pode dizer ao seu melhor amigo qualquer coisa... exceto isso / Beth Reeks ; tradução de Ivar Panazzolo Junior. – Bauru, SP : Astral Cultural, 2018.

336 p.

Título original: The kissing booth

ISBN: 978-85-8246-747-3

1. Literatura inglesa 2. Literatura juvenil 3. Adolescentes - Ficção
4. Beijos - Ficção I. Título II. Panazzolo Junior, Ivar

18-0468

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823



ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS

DA EDITORA ALTO ASTRAL

BAURU

Rua Gustavo Maciel, 19-26

CEP 17012-110

Telefone: (14) 3235-3878

Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO

Rua Tenerife, 31 - Conj. 21 e 22

CEP 04548-904

Telefone/Fax: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

*Em homenagem à minha avó, que provou para mim que,
independentemente do que aconteça, você sempre pode
seguir em frente, marchando com a cabeça erguida.*

NÃO CONSEGUIA ME ACOSTUMAR COM A IDEIA DE QUE O MEU primeiro beijo seria com Noah Flynn. O irmão mais velho do meu melhor amigo. O cara que conseguia fazer com que eu sentisse as coisas mais inexplicáveis e me levar à loucura em cerca de três segundos.

Engoli em seco, e acho que ele deve ter ouvido, porque ergueu a sobrancelha enquanto olhava para mim. Meus olhos baixaram lentamente até apontarem para os lábios dele; pareciam muito macios e receptivos. Minha mente se deixou lentamente tomar pela lembrança de Noah usando sua toalha... no seu uniforme do time de futebol americano...

E eu estava prestes a beijá-lo.

Sabia que não teria que fazer aquilo se não quisesse; ninguém podia me forçar a beijá-lo. E essa era a pior parte: eu tinha a opção de recusar, mas não consegui reunir forças para fazer isso.

Inclinei-me para a frente conforme ele veio na minha direção.

E se eu estivesse com algodão-doce preso entre os dentes? E se o gosto da minha boca fosse nojento?

Cale a boca, cale a boca, cale a boca!

Meu primeiro beijo...

— **QUER BEBER ALGUMA COISA? — PERGUNTOU LEE, DA COZINHA,** enquanto eu fechava a porta da frente.

— Não, obrigada — respondi. — Vou subir para o seu quarto.

— Está bem.

Nunca deixava de admirar o quanto a casa de Lee Flynn era enorme; praticamente uma mansão. Havia uma sala completa no andar de baixo com uma TV de cinquenta polegadas e um sistema de som *surround*. Isso sem falar na mesa de sinuca e na piscina (aquecida) do lado de fora. Embora fosse como uma segunda casa, o único lugar onde me sentia realmente confortável era o quarto de Lee.

Abri a porta e vi a luz do sol passando pelas portas do lado oposto, também abertas, que levavam até a pequena sacada. Havia pôsteres de bandas cobrindo as paredes; sua bateria estava montada no canto do quarto, ao lado de uma guitarra, e o Apple Mac estava exibido orgulhosamente em uma escrivaninha elegante de mogno que combinava com o restante da mobília.

Mas, assim como o quarto de qualquer outro garoto de dezesseis anos, o chão estava cheio de camisetas, cuecas e meias fedidas; a metade que sobrou de um sanduíche começava a embolorar ao lado do Apple Mac, e latas vazias estavam largadas sobre quase todas as superfícies.

Me joguei na cama de Lee, adorando a sensação de como o colchão me fazia subir e descer.

Éramos grandes amigos desde que nascemos. Nossas mães se conheciam

desde a época da faculdade, e eu precisava somente fazer uma caminhada de dez minutos para chegar à casa dele. Lee e eu havíamos crescido juntos. Poderíamos até mesmo ser gêmeos; por uma coincidência bizarra do destino, nascemos no mesmo dia. Ele era o meu melhor amigo. Sempre foi e sempre será. Mesmo me irritando demais às vezes.

Ele apareceu bem naquele momento, trazendo duas garrafas abertas de refrigerante de laranja, sabendo que eu beberia a dele em algum momento.

— Precisamos decidir o que vamos fazer no festival — eu disse.

— Eu sei — suspirou ele, desalinhando os cabelos castanhos e retorcendo o rosto sardento. — Será que não podemos fazer somente uma coisa com cocos? Você sabe. As pessoas atiram bolas e tentam derrubar os cocos... que tal?

Balancei a cabeça, espantada. — Era exatamente nisso que eu estava pensando...

— Claro que estava.

Abri um sorrisinho torto.

— Mas não podemos. Já tem outra equipe que vai fazer isso.

— E por que nós precisamos inventar uma atração? Não podemos simplesmente administrar o evento inteiro e fazer com que as outras pessoas tenham as ideias para as barracas?

— Ei, foi você quem disse que fazer parte do grêmio estudantil seria um diferencial no nosso histórico escolar quando fôssemos para a faculdade.

— E foi você quem concordou com isso.

— Porque eu queria estar na comissão de dança — enfatizei. — Não imaginava que a gente teria que organizar o festival, também.

— Isso é uma droga.

— Eu sei. Ah, e se contratássemos um daqueles... você sabe. — Fiz um movimento de balanço com as mãos. — Aquela coisa que tem o martelo.

— Onde eles testam a força das pessoas?

— Sim. Uma coisa dessas.

— Não, outro grupo já teve essa ideia e fechou o contrato.

Suspirei. — Então, não sei. Não resta muita coisa. Já estão usando todas as ideias.

Nós nos entreolhamos e dissemos ao mesmo tempo: — Eu disse que devíamos ter começado a planejar isso antes.

Nós rimos e Lee sentou-se diante do computador, fazendo a cadeira girar lentamente.

— Uma casa mal-assombrada, talvez?

Olhei para ele com uma expressão impassível, na verdade, tentei, pelo menos. Não era fácil atrair a atenção de Lee enquanto ele ficava girando na cadeira daquele jeito.

— Estamos na *primavera*, Lee. Não no Halloween.

— Sim. E daí?

— Não. Nada de casa mal-assombrada.

— Tudo bem — resmungou ele. — O que você sugere, então?

Dei de ombros. A verdade era que eu não fazia a menor ideia. Estávamos bastante encrocados. Se não pensássemos em nada para uma barraca, acabaríamos sendo expulsos do grêmio estudantil, o que significaria que não poderíamos mencionar isso nos nossos históricos escolares antes de nos candidatar para as faculdades no ano que vem.

— Não sei. Não consigo pensar com esse calor.

— Então tire esse moletom e invente alguma coisa.

Revirei os olhos e Lee começou a pesquisar ideias para barracas para o Festival da Primavera no Google. Puxei o blusão por cima da cabeça e senti o sol bater na barriga. Tentei puxar os braços por dentro das mangas para abaixar a blusinha que eu estava vestindo por baixo...

— Lee — eu disse, com a voz abafada. — Que tal uma ajudinha?

Ele deu uma risadinha, e ouvi quando ele se levantou. Naquele momento, a porta do quarto abriu e pensei por um minuto que ele me deixaria ali, naquela situação complicada, mas no instante seguinte ouvi uma voz diferente.

— Ei, vocês podiam pelo menos trancar a porta se forem fazer isso.

Fiquei paralisada, com as bochechas ficando rosadas enquanto Lee puxava a minha blusinha para baixo e arrancava o blusão por cima da minha cabeça, deixando o meu cabelo armado com a estática.

Ergui o rosto para ver o irmão mais velho dele encostado no batente da porta, olhando para mim com um sorriso torto.

— Oi, Shelly — disse ele para me cumprimentar, sabendo que eu detestava quando me chamavam de Shelly. Eu não ligava muito quando Lee fazia isso, mas Noah era um caso completamente diferente: fazia apenas para me irritar. Ninguém mais se atrevia a me chamar de “Shelly”; não depois de eu ter gritado com Cam por fazer isso no quarto ano da escola. Agora todos me chamavam de Elle, que é uma forma mais curta de Rochelle. Assim como ninguém mais se atrevia a chamá-lo de Noah, com exceção de Lee e dos seus

pais; todas as outras pessoas o chamavam pelo sobrenome, Flynn.

— Oi, Noah — devolvi, com um sorriso meigo.

Os músculos ao redor do queixo dele se tensionaram e suas sobrancelhas escuras se ergueram um pouco, como se estivesse me desafiando a continuar a chamá-lo daquele jeito. Respondi somente com um sorriso, e aquele sorriso torto e sexy voltou ao seu rosto.

Noah era o cara mais gostoso que já havia agraciado o mundo com sua presença. Acredite em mim, não estou exagerando. Tinha cabelos escuros com uma franja que lhe caía por cima dos olhos azuis faiscantes, era alto e com ombros largos. Seu nariz era um pouco torto por ter sido quebrado em uma briga, e ficou um pouco desalinhado depois que sarou. Ele não fugia de brigas, mas nunca havia sido suspenso. Com exceção de um ou outro “deslize”, como Lee e eu costumávamos chamar, ele era um aluno-modelo: suas notas nas provas eram sempre as maiores da sala e era o astro do time de futebol americano, também.

Ele era o meu *crush* quando eu tinha doze ou treze anos. Foi uma fase que passou rápido, pois percebi que ele era areia demais para o meu caminhãozinho, e que isso nunca iria mudar. E, embora ele fosse um cara insanamente atraente, eu agia normalmente quando estava perto dele porque sabia que não havia a menor chance de ele me enxergar como qualquer outra coisa além de a melhor amiga do seu irmão mais novo.

— Sei que pareço causar esse efeito nas mulheres, mas será que você podia tentar não tirar as roupas quando eu estiver por perto?

Soltei uma gargalhada irônica. — Vai sonhando.

— O que é que vocês estão fazendo, por falar nisso?

Cheguei a imaginar por um momento por que ele estaria interessado, mas deixei aquilo de lado. Lee disse: — Precisamos de uma ideia para montar uma barraca idiota no festival.

— Cara... que merda.

— Não diga — eu disse, revirando os olhos. — Todas as melhores ideias para barracas já foram enviadas. Vamos acabar com uma daquelas barracas onde... sei lá, onde você precisa puxar um pato com um gancho.

Os dois olharam para mim como se eu não pudesse ter uma ideia pior, e dei de ombros.

— Dane-se. Bem, de qualquer maneira, Lee... nossos pais vão sair hoje à noite, então a festa começa às oito.

— Legal.

— Ah, Elle? Tente não arrancar a roupa na frente de todo mundo hoje à noite quando eu passar perto.

— Noah, você sabe que eu só tenho olhos para Lee — eu declarei, inocentemente.

Noah deu uma risadinha. Já estava ocupado digitando no celular, provavelmente compartilhando a mensagem sobre a festa, assim como Lee estava fazendo. Saiu do quarto a passos largos, como um gato preguiçoso ou coisa do tipo. Não consegui evitar que meus olhos seguissem aquela bunda empinada...

— Ei, se você puder parar de babar em cima do meu irmão por dois segundos — provocou Lee.

Senti o rosto enrubescer e o empurrei. — Cale a boca.

— Achei que você já tivesse superado aquela fase em que ele foi o seu *crush*.

— Superei, sim. Mas isso não faz com que ele seja menos gostoso.

Lee revirou os olhos. — Tanto faz. Mas isso ainda é meio nojento, você sabe.

Fui sentar diante do computador e Lee se inclinou por cima dos meus ombros, apoiando o queixo no alto da minha cabeça.

Cliquei na página seguinte dos resultados de busca e rolei a tela para baixo, sentindo meus olhos embaçando conforme passavam pela página.

Parei com algo que chamou a minha atenção bem no momento em que Lee começou a dizer: — Espere. Pare aí.

Nós dois olhamos para a tela por alguns segundos. Em seguida, ele se levantou e eu girei a cadeira para ficar de frente para ele, com sorrisos idênticos se abrindo em nossos rostos.

— A barraca do beijo! — nós dissemos ao mesmo tempo, sorrindo. Lee ergueu a mão para que o cumprimentasse com um *high five* e eu bati a mão espalmada na dele.

Isso ia ser *muito* legal.

DECIDIMOS QUE IRÍAMOS COBRAR UMA TAXA DE DOIS DÓLARES.

Dois dólares por um beijo. Qualquer que fosse o tema da barraca que decidíssemos fazer, a estrutura básica já estava na escola para que a usássemos, mas iríamos precisar de muito vermelho e cor-de-rosa. Achei que devíamos usar preto, mas Lee me repreendeu: — Não estamos no Halloween, Shelly.

— Está bem, está bem. Vamos ficar com o rosa e o vermelho.

— Do que vamos precisar, então? Serpentinhas, papel crepom, fitas... esse tipo de coisa, certo?

— Acho que sim. Ei, você acha que dá para fazer um cartaz grande com marcenaria? Eu não queria pegar a aula optativa de marcenaria, mas tive que escolher entre ela e economia doméstica. E, depois daquele desastre com os *cupcakes* no oitavo ano, não quis mais mexer com fornos e nem com comida. Talvez isso acabe ajudando.

— Acho que pode dar certo. O sr. Preston provavelmente não vai achar isso uma má ideia.

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Legal. Provavelmente nós podemos chamar alguns dos jogadores do time de futebol americano e algumas das líderes de torcida, é claro. Precisamos de quatro, e eles podem trabalhar em turnos. Dois por turno.

— Boa ideia. Mas quem podemos chamar?

— Bem... Samantha e Lily, com certeza, toparão — disse, pensando nas

possibilidades. — E podem trazer algumas das outras garotas.

— Legal. Eu vou ligar para alguns dos rapazes.

Peguei o meu celular e comecei a rolar a tela da lista de contatos. Lee e eu não fazíamos parte de nenhum grupinho em particular; simplesmente conversávamos com quem queríamos, o que significava que tínhamos os números de praticamente todo mundo. Lee era uma daquelas pessoas carismáticas e agradáveis, e geralmente nós andávamos juntos. Tínhamos alguns amigos mais próximos, é claro — e todos eles eram garotos.

Consegui falar com Samantha, que me disse toda contente que sim, estava super a fim de participar! Lily concordou também, dizendo que estava ansiosa para fazer parte do nosso grupo, e iria ligar para todas as garotas que conhecia.

— Pronto — suspirei, largando o corpo sobre a cama. Senti a cama balançar quando Lee fez o mesmo, e trocamos um sorriso.

— Nossa barraca vai arrebentar.

— Eu sei. Às vezes, somos tão fodas que chega a dar medo.

— Eu sei.

Meu celular apitou e vi a mensagem de Lily, dizendo que Dana e Karen iriam participar da barraca do beijo também. Respondi com um obrigada sucinto.

— Já conseguimos todas as meninas — eu disse.

— Ótimo. Dave escreveu dizendo que vai conseguir os garotos para nós, então está tudo certo.

— E isso quer dizer que... não temos nada para fazer agora — eu disse, animada. — E você pode vir fazer compras comigo.

Lee soltou um gemido. — Por que você precisa fazer compras? Já não tem roupas demais?

— Sim, tenho... mas você vai dar uma festa hoje à noite e eu estou de bom humor, já que *finalmente* conseguimos resolver a questão da barraca. Por isso, vamos sair para comprar alguma coisa para eu vestir hoje à noite.

Lee gemeu outra vez. — Você quer comprar um vestido sexy para impressionar o meu irmão, não é?

— Não. Só quero comprar algo para vestir. Mas se conseguir impressionar o seu irmão... vai ser só um bônus. Ou melhor, vai ser um milagre. Nós dois sabemos que ele não pensa em mim dessa maneira.

Lee suspirou. — Tudo bem, tudo bem, vamos fazer compras. Pare de

choramingar.

Abri um sorriso; sabia que podia convencê-lo. Lee percebeu que eu estava só fazendo manha, mas não podia aguentar de qualquer maneira.

Peguei o meu moletom e esperei até que Lee pegasse sua carteira e os tênis. Desci as escadas aos saltos enquanto ele me seguia. Entramos no seu carro — um Mustang 1965 que ele conseguiu por uma pechincha em um ferro-velho — e Lee deu a partida.

— Obrigada, Lee.

— As coisas que eu faço por você... — suspirou, mas estava sorrindo.

CHEGAMOS AO SHOPPING DEPOIS DE VINTE MINUTOS. LEE DESLIGOU o motor, minhas orelhas ainda retinindo por causa do hip-hop que tocava no rádio a todo vapor.

— Você sabe que está me devendo uma por me arrastar até aqui.

— Eu te pago um donut.

Lee vacilou um pouco. — E um milk-shake também.

— Fechado.

Ele colocou o braço ao redor dos meus ombros, e rapidamente percebi o motivo — ele me levou diretamente até a praça de alimentação antes que eu pudesse me esquecer convenientemente do suborno que havia proposto. Depois que estava pacificado pelos doces, Lee ficou muito feliz em vir atrás de mim para ver as lojas.

Depois de olhar em algumas, encontrei o traje perfeito.

Era um vestido cor de coral; a saia não era muito justa nem muito curta, e o decote tinha a medida certa para valorizar o meu busto sem revelar o que não devia. O material tinha uma leve transparência e fazia volume do lado esquerdo da peça, escondendo o zíper longo.

— Nós vamos ter que comprar sapatos também? — gemeu Lee enquanto eu anunciava que ia experimentar o vestido.

— Não, eu já tenho sapatos, Lee — respondi, revirando os olhos.

— Ah, claro. Bem, você já tem roupas também, mas isso não foi motivo para que desistisse da ideia — murmurou, seguindo-me até o provador. Sem pensar duas vezes, entrou no cubículo comigo e deitou-se na banquetela. Também não pensei duas vezes ao me trocar na frente dele.

— Pode me ajudar com o zíper?

Ele suspirou, exaurido, e ficou em pé para fazer o que eu pedi. Olhei-me no espelho, alisando o vestido. Parecia mais bonito no cabide, pensei, sentindo um pouco de dúvida. Mostrava demais as pernas...

Lee assobiou. — Ficou legal.

— Cale a boca. Você acha que ficou curto demais?

Ele deu de ombros e acertou um tapa na minha bunda. — Quem se importa?

Sem fazer muita força, dei um tapa na parte de trás da cabeça dele. — Estou falando sério, Lee. Você acha que ficou muito curto?

— Bem... um pouco, talvez. Mas ficou bonito.

— Tem certeza?

— Você acha que eu mentiria para você, Shelly? — perguntou ele, fingindo tristeza, exibindo uma expressão de dor no rosto e cambaleando para trás, com as duas mãos sobre o coração.

Eu o encarei pelo espelho com a expressão séria. — Você quer mesmo que eu responda, Lee?

— Não, acho que não — disse ele, rindo. — E então, vai levar?

Fiz que sim com a cabeça. — Sim, acho que sim. Está em promoção pela metade do preço.

— Legal. — Em seguida, ele resmungou. — Você não vai gastar a outra parte em sapatos, não é? Por favor, diga que não vai fazer isso. Se fizer, você vai ficar me devendo uma soda e uma pizza.

— Prometo que não vou comprar sapatos nem qualquer outra coisa, está bem? Podemos ir para casa depois que eu comprar o vestido. — Tirei a peça e voltei a vestir o meu jeans, a blusinha e o moletom; o ar-condicionado do shopping deixava o lugar incrivelmente gelado.

— Ah... — suspirou ele. — Eu queria uma pizza.

Ri, saindo do cubículo com ele a reboque. E acabei trombando com alguma coisa... não, com *alguém*.

— Perdão — eu disse, por reflexo. Em seguida, percebi quem era. — Ah, oi, Jaime.

Ela olhou com uma expressão desconfiada para nós, e um sorriso malandro começou a se formar em seu rosto. Jaime era a maior fofqueira da escola, e embora tivesse um bom coração, era também uma daquelas pessoas capazes de irritar alguém com bastante facilidade.

— O que vocês dois estão fazendo aqui? Lee, você sabe que esse é o provador feminino.

Ele deu de ombros. — Elle queria uma opinião sincera.

— Certo. — Jaime falou como se estivesse decepcionada e esperasse uma razão mais digna de virar fofoca. — Com certeza. Ei, ouvi dizer que você vai dar uma festa hoje à noite. Seu irmão vai estar lá, não é?

Lee revirou os olhos. — Vai, sim.

Jaime abriu um sorriso reluzente — Que maravilha!

— Você veio comprar um vestido também? — perguntei a ela, apenas para puxar conversa.

— Não, eu precisava de um jeans novo. Meu cachorro decidiu que minha calça antiga era um brinquedo melhor do que a bolinha que apita.

Eu ri. — Que beleza de cachorro.

— Nem me lembre. Você vai usar isso aí na festa de hoje? — Ela indicou o vestido que estava nas minhas mãos.

— Vou.

— Não sei se essa cor cai bem em você... — disse ela, mas percebi o movimento sutil de um músculo em sua bochecha, e havia aprendido a identificar aquela expressão no decorrer dos anos. Inveja. Vi aquilo como um bom sinal.

— Hmmm, talvez... mas está em promoção. Não consigo resistir a uma oferta dessas.

Ela riu, educadamente. — Ah, é claro. Bem, a gente se vê mais tarde, então!

— Tchau, Jaime! — dissemos ao mesmo tempo, e eu ouvi Lee suspirar e balbuciar sobre o quanto ela o irritava.

Paguei pelo vestido e paramos mais uma vez na praça de alimentação para que ele pudesse pegar uma fatia de pizza antes de irmos embora. Peguei somente um milk-shake.

— Não derrube isso no meu bebê — avisou Lee enquanto eu entrava no carro, sugando a bebida pelo canudo.

— É claro que não! — Mas quase derrubei e, percebendo a expressão ameaçadora em seu olhar, não me atrevi a tomar outro gole até pararmos diante de um semáforo vermelho.

Quando Lee estacionou diante da sua casa, olhei o relógio. — Quase seis horas... é melhor eu ir para casa e me arrumar.

— Às vezes você realmente faz coisas de garota, Shelly.

Eu ri. — Você só percebeu isso agora?

Lee riu e entrou em sua casa. — Até mais tarde — disse ele, por cima do

ombro.

— Tchau!

Não havia ninguém em casa quando cheguei, mas isso não me surpreendeu. Meu irmão mais novo, Brad, ia participar de um campeonato de futebol, e meu pai provavelmente o tinha levado para comer um hambúrguer ou algo do tipo depois.

Conectei o meu iPod nos alto-falantes e botei Ke\$ha para tocar com o volume bem alto, para que eu pudesse ouvi-la no chuveiro com a água rugindo nas orelhas.

De volta ao quarto, enrolada na toalha e examinando o vestido, as dúvidas a respeito da peça começaram a tomar conta da minha mente. Eu havia crescido com Lee e sem a presença da minha mãe, então não era uma menina tão cheia de frescuras como as outras; mas isso não impedia que me vestisse bem para ocasiões como essa. Fiz um gesto negativo com a cabeça e ralhei comigo mesma. O vestido era bem mais longo do que algumas das saias que as meninas usavam para ir à escola, pelo amor de Deus. Não havia problemas.

Assim, sentei na penteadeira com o kit de maquiagem diante de mim e coloquei o modelador de cachos para esquentar. Passei a base na pele e apliquei o delineador com cuidado para ressaltar meus olhos castanhos. Passei um bom tempo cuidando para que os cabelos, sedosos e com aroma de coco depois do banho, cascadeassem pelas minhas costas em cachos perfeitos e negros como carvão.

Senti uma certa timidez quando me olhei no espelho — do alto do meu par de sandálias plataforma com salto de cinco centímetros. Sabia que haveria garotas que estariam com uma maquiagem bem mais exagerada, vestidos bem mais curtos e saltos bem mais altos que os meus. Mesmo assim hesitei, perguntando a mim mesma se realmente eu estava bonita. Mas, àquela altura, subitamente já eram oito e treze da noite. O que tinha acontecido com as minhas duas horas?

Arranquei o celular do carregador e vi uma mensagem que Lee havia enviado, perguntando onde eu estava.

Caminhei cuidadosamente até chegar à casa dele. Meus saltos não eram muito altos, mas eu sempre me senti mais confortável usando sapatilhas baixas.

Havia pessoas pelo jardim e a porta da frente estava aberta, deixando que os graves da música passassem; o som fazia a grama tremer. Sorri e fui

cumprimentando as pessoas enquanto ia até a cozinha para pegar uma bebida.

Olhei o que havia na geladeira, sem me surpreender por terem tirado toda a comida para abrir espaço para as bebidas que as pessoas haviam trazido. Lee e Noah passaram a fazer isso depois que alguns garotos acharam que seria engraçado usar molho para grudar fatias de presunto e peru nas paredes alguns meses antes.

Peguei uma garrafa de refrigerante de laranja e a abri na quina do balcão da cozinha, um truque que o pai de Lee havia me mostrado.

— Oi, Elle!

Virei-me e vi um grupo de garotas acenando para mim. Sorri para elas.

— Oi, pessoal.

— Olivia disse que você e Lee vão montar uma barraca do beijo no festival — disse Geórgia. — Isso é tão legal!

— Obrigada — sorri.

— Faz anos que ninguém monta uma barraca como essas — disse Faith. — É uma ideia fantástica!

— Bem, somos pessoas *fantásticas*.

Elas riram. — Eu, com certeza, vou passar nessa barraca — disse Candice com um sorriso maroto. — Ouvi dizer que Jon Fletcher vai trabalhar lá.

— E Dave Peterson — emendou Geórgia.

— Jon vai trabalhar na barraca? — perguntei.

— Foi o que Dave me disse — comentou Candice, dando de ombros.

Faith riu. — A barraca é sua, Elle. Você devia saber.

Abri um sorriso tímido. — Bem, eu...

— Ei, sabe quem você deveria chamar para trabalhar na sua barraca? — comentou Olivia. — *Flynn*.

Por um breve momento, fiquei em dúvida sobre quem diabos era esse. E foi então que percebi que ela estava falando de Noah, é claro.

— Acho que ele não toparia.

— Bem, você perguntou?

— Não exatamente...

— Será que ele não faria isso como um favor para o irmão mais novo, pelo menos? — disse Geórgia. — Apele para seu sentimento de culpa. Isso funcionaria.

— Mas acho que já temos os nossos quatro rapazes...

— Mas, se vocês tivessem Flynn, todas as garotas do *estado* viriam para o

nosso festival — disse Olívia. Ela, assim como quase todas as garotas, achava que tinha uma chance com Flynn. Bem, até que tinha, sendo a capitã das líderes de torcida, e Noah jogando no time de futebol americano, mas ele nunca olhou duas vezes para ela.

Mesmo assim, ele tinha a reputação de gostar de fazer joguinhos, ainda que ninguém o visse dando muita atenção às garotas. A coisa mais esquisita de todas era o fato de que Flynn parecia quase ter orgulho desse *status*.

— Sabe de uma coisa? Se conseguir convencer Flynn a ficar na barraca do beijo, você se transformaria em uma lenda — disse-me Faith.

— Você tem namorado, Faith — Geórgia lembrou-a com uma risada. — Não pode ir à barraca do beijo.

— E por que não? É por uma boa causa. Qual vai ser a causa desta vez? Salvar os golfinhos?

— Acho que fizemos isso no ano passado — eu disse, rindo. — Não, este ano vamos doar o dinheiro para pesquisas com o câncer.

— Melhor ainda! — exclamou Faith. — Peça a ele.

— Sim, peça mesmo — insistiu Olívia.

— Você só precisa pedir — implorou Candice. — Por favor, Elle.

— Bem... Não sei...

— Ei, ele está chegando — disse Candice, repentinamente, me interrompendo. Ela me deu um empurrão discreto. — Pergunte a ele, só isso. Se disser "não"... pelo menos você tentou.

— Está bem — suspirei, cedendo. Afastei-me um pouco das meninas para interceptar Noah, que estava indo buscar outra cerveja.

Ele me cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Você quer trabalhar com a gente na barraca do beijo no festival da primavera? Por favor. Está difícil conseguir o quarto garoto. É para ajudar instituições beneficentes. Lee e eu precisamos de um favor.

Noah se endireitou, abrindo a lata de cerveja. — Barraca do beijo, hein?

— Sim.

— Isso é legal.

— Eu sei. Sou uma pessoa legal.

— Melhor do que aquela ideia do pato.

— Haha. Engraçadinho.

Ele deu uma risada e um meio sorriso que fizeram o meu coração saltitar dentro do peito. — E você quer que eu beije as pessoas? Na sua barraca do

beijo?

— Por uma boa causa? — tentei.

— Acho que não vai dar, Shelly.

— Por favor, Noah... — implorei, fazendo uma cara de cachorro sem dono e enfatizando bastante o seu nome.

— Você vai ficar de joelhos e implorar?

— Não — eu disse, devagar. — Mas todas as outras meninas vão. O que você me diz?

Ele riu um pouco. — É por isso que eu vou dizer não. Desculpe.

Suspirei. — Bem, ninguém pode dizer que eu não tentei.

— Espere aí. Você realmente *precisa* que eu faça isso ou elas só querem que eu fique na barraca? — perguntou ele, olhando para o grupo de garotas que estava mais adiante.

— A segunda opção.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Bem, me desculpe. Acho que não posso arriscar a minha dignidade assim. Além disso, imagine o quanto os outros rapazes iriam me odiar por roubar todos os beijos — disse ele, com um sorriso torto.

— Estava pensando mais no quanto as instituições de caridade iriam odiar você por decepcionar as pessoas que poderiam vir até a barraca do beijo.

Ele continuava com aquele sorriso malandro no rosto. — *Touché*.

— Enfim... — fiz um gesto negativo com a cabeça. — Esqueça.

Voltei para junto das animadoras de torcida, dando de ombros e com um sorriso de desculpas. — Mal, meninas. Ele não topou.

— Você devia ter pressionado mais — disse Olívia. — Observe e aprenda.

Ela entregou sua bebida a Faith e foi na direção de Noah, que estava conversando com dois outros rapazes. Olívia, com seu vestidinho preto extremamente curto, estava apoiada no braço de Noah, quase se jogando em cima dele. E parecia que tinha alguma coisa no olho, pela maneira que piscava e agitava os cílios para ele. Mesmo assim, talvez eu estivesse sendo um pouco crítica demais. Sua técnica pareceu fazer com que pelo menos alguns outros rapazes olhassem para ela.

Seria desnecessário dizer, mas ele obviamente disse não a Olívia também. Ela ficou emburrada e voltou para perto de nós. — Aquele cara é muito irritante.

— E muito gostoso — murmurou Geórgia, tomando sua bebida.

— É verdade — concordou Olívia, rindo. As garotas começaram a rir, olhando em sua direção.

— Você não acha que Flynn é um gostosão, Elle?

Olhei para Faith, piscando os olhos. — Ah... sim. É claro que acho.

— Então, por que você não está falando sobre a bunda dele?

Abri um sorriso seco. — Porque ele está tão longe de querer ter qualquer coisa comigo que nem vale o esforço.

Ela me olhou com uma expressão de simpatia. — Do que você está falando? Você é muito bonita! Olha, eu realmente poderia matar alguém para ter um cabelo como o seu.

Dei de ombros e senti o rosto corar um pouco. — Obrigada... eu acho. Mas não faz diferença. Ele é só o irmão mais velho de Lee para mim, agora.

— Talvez haja alguma coisa além disso. Nunca se sabe.

Eu ri. — Ah, é claro que há. Mas só nos meus sonhos.

Faith deu de ombros e Candice começou a conversar com ela. Pedi licença e fui discretamente até a sala, onde todo mundo estava dançando. Terminei de tomar meu refrigerante com alguns goles e deixei a garrafa antes de entrar na dança. A atmosfera era contagiosa; nem todo mundo estava bebendo álcool, mas isso não impedia as pessoas de balançarem as cabeças e enlouquecerem um pouco.

Eu não tinha a intenção de ficar bêbada. Sabia que podia me divertir sem isso. Mas sempre fui fraca para bebida, e assim, depois de tomar duas latas de cerveja, já estava bem descontrolada. O tempo passou voando enquanto eu dançava de um lado para outro, rindo e conversando com as pessoas.

Parecia que todo mundo já sabia sobre a barraca do beijo.

E quando me perguntavam se Flynn estaria na barraca, dizia que ia perguntar a ele, porque essa parecia ser a opção mais fácil.

Já eram mais ou menos onze da noite. Havia acabado de entrar na sala de jogos com alguns rapazes, em sua maioria do último ano, junto com Lee, Jason e Dixon. Eles estavam tomando doses de bebida, e os copinhos estavam alinhados na mesa de sinuca.

— Posso brincar também? — perguntei, entrando na sala aos saltos e com um sorriso no rosto.

— Ah, você não acha que já bebeu o bastante, Elle? — perguntou Lee, desconfiado.

— Ah, quem se importa? — cantarolei. — Três, dois...

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Barraca do Beijo - Beth Reekles [e-L..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).